



“CLIENTELISMO DE PAREDE-E-MEIA” E PODER POLÍTIICO Nonô: trajetória política em Varzedo, Bahia (1958-1992)

Jorge Amorim¹

Doutorando PPGH-UFBA



<https://orcid.org/0000-0002-7388-2900>

Recebido em: 20/01/2024

Aprovado em: 09/03/2024

RESUMO

A escolha da cronologia para investigar a trajetória política de Manoel José de Souza entre 1958 e 1992 ocorreu em meio ao período de democratização popular, divergências entre partidos políticos, instabilidade política com o golpe militar e certo crescimento econômico do Brasil e da Bahia, ocorrendo neste Estado aquele crescimento através da “modernização conservadora”. Em sincronia a esse momento de mais de três décadas, Manoel José de Souza, apelidado por Nonô, conseguiu ser eleito vereador por Varzedo, então distrito do município de Santo Antônio de Jesus, consecutivamente entre 1958 e 1988, estando filiado a partidos políticos (PSD, UDN, ARENA, PDS, PFL, PMDB e PFL) alçados ao poder estadual. Ao ser criado como município em 1989, após processo emancipatório que durou de 1985 a 1989, Varzedo teve neste último ano sua primeira eleição para prefeito e vereadores, sendo Nonô vitorioso àquele cargo executivo, governando a localidade até 17 de maio de 1992, dia em que foi assassinado. Portanto, demarcar a extensão temporal de 1958 a 1992 tem como fim compreender a ascensão, capilarização e a manutenção do seu poder político a partir de suas ligações com lideranças políticas de Varzedo/Santo Antônio de Jesus e da Bahia, assim como a capilarização e manutenção daquele seu poder sobre a população local a partir de ações pragmático-políticas denominadas de “clientelismo de parede-e-meia”, prática de poder exercida através de conselhos,

¹ Bolsista da CAPES.



idas às casas de conhecidos, assistencialismo e mandonismo, tudo isso com base em documentos escritos, orais e imagéticos.

PALAVRAS-CHAVE

Política; Biografia; Local.

Introdução

O estudo da vida de uma liderança política é uma tarefa que estimula a curiosidade por detalhes pouco conhecidos. Partindo disso que envereda o que se refere a trajetória política de Manoel José de Souza, conhecido por Nonô, na localidade de Varzedo, Recôncavo baiano, entre 1958 e 1992, isto é, do ano em que ele inicia como vereador, representando a vila de Varzedo na câmara municipal de Santo Antônio de Jesus, até o ano em que ele termina abruptamente como prefeito do município de Varzedo, após ser assassinado a mando de Luís Carlos farias Mesquita, seu então vice-prefeito.

As práticas políticas dele a frente daqueles dois cargos públicos municipais já seriam relevantes fontes para investigações historiográficas, tornando mais relevantes quando problematizadas de quais ações políticas Nonô usou para chegar à vereança e se manter nela por três decênios, galgando o cargo de chefe do executivo municipal no início de 1990. Isto tudo sabendo da sua origem menos aquinhoad, afrodescendente e sem tradição familiar política no lugar e na região.

Nonô foi sedimentando suas práticas de poder no decorrer dos anos a partir de atitudes assistencialistas e favoritistas, fortalecendo seu mandonismo com ações populistas assaz pragmáticas e identitárias ao local e ao plano regional, fazendo com que seu personalismo alçasse predileção perante a população, principalmente a mais pobre, a partir da proximidade na vida e na casa das pessoas.

Seus contatos foram próximos com lideranças regionais e estaduais político-partidárias que ocupavam cargos, por vezes independentes da agremiação partidária.



Revista de História

Universidade Federal da Bahia

Como no decorrer das suas atuações políticas a “modernização conservadora”² de Antônio Carlos Magalhães esteve no auge (final da década de 1960, década de 1970 e metade da de 1980, voltando a partir dos anos 1990), estreitou relações com políticos desta linha, ocorrendo exceção tênue quando da sua candidatura e vitória à prefeitura varzedense ao concorrer pelo PMDB em 1989.

O PMDB vinha de uma capilaridade política nacional (FERREIRA, 2002), consequentemente ocupando o governo da Bahia (SANTOS, 2008), em cujo período Varzedo começou e concretizou sua emancipação (AMORIM, 2009). Nesse contexto, Nonô estava filiado ao PMDB, deixando-o e voltando ao PFL em 1991, após o retorno de Antônio Carlos Magalhães ao governo baiano.

Estando ao redor de acidentes geográficos e tendo sido ramificação da Capela de Santo Antônio de Jesus³, nome original do atual município de Santo Antônio de Jesus, Varzedo, cuja primeira denominação foi Vargem Grande (AMORIM, 2007), surgiu a três léguas (mais ou menos 18 quilômetros) da capela construída pelo padre Matheus Vieira de Azevedo. A localidade surge como arraial em 1868, fundado por um clérigo, o padre Antônio Ângelo Gomes de Mendonça (LOBO, 1898). Seu incremento demográfico se deu a partir da inauguração da estação de trem no final do século XIX (1892), na qual motivou a vinda de pessoas de muitas localidades, principalmente do alto sertão, afugentadas pela seca.

Como a fertilidade da terra era provocada pela umidade das vargens que circundavam o lugarejo, predominou a agricultura de subsistência, economia característica do uso da terra nesta parte do Recôncavo Sul (BARICKMAN, 2003), com destaque às culturas de café e mandioca. As citadas culturas agrícolas eram produzidas em propriedades pequenas e médias, comumente denominadas sob a nomenclatura de “cazas de morada com benfeitorias”.

² Sobre “modernização conservadora” carlista na Bahia, *vide* DANTAS NETO, Paulo Fábio. **Autocracia, carisma e tradição: a política de Antônio Carlos Magalhães na modernização da Bahia (1954-1974)**. Belo Horizonte: Editora UGMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

³ ALVES, Isaias. **Matas do Sertão de Baixo**. Reper editora. 1967; QUEIROZ, Fernando Pinto de. **A Capela do Padre Matheus**. Sagra. Feira de Santana-Ba. 1995. OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Recôncavo sul: terra, homens, economia e poder**. Editora da UNEB. Salvador-Ba. 2003; AMORIM, Jorge. **Entre a Serra e a Vargem: estudos sobre a história e as culturas de Varzedo nos séculos XIX e XX**. Exemplar gráfica e editora. Santo Antônio de Jesus-Ba. 2007.



Revista de História

Universidade Federal da Bahia

Entre as décadas de 1910 e 1950, todavia, casas comerciais, como casas de fazendas (lojas de venda de tecidos), secos e molhados, olarias e açougues, tiveram abrangência no então arraial de Vargem Grande, propiciando o surgimento de comerciantes ligados às famílias Quadros, Almeida, Oliveira e Jesus, às quais formaram sociedades comerciais, compravam e vendiam propriedades rurais e imóveis na localidade e faziam empréstimos de toda ordem.

Nas primeiras quatro décadas do século XX, Vargem Grande alcançou o *status* de vila sob o Decreto Lei nº 141 de 31/12/43. Naquele período, ao redor da capela da vila de Varzedo, uma pequena feira foi formada pelos pequenos sítiantes com o fim de comercializar produtos oriundos da parte rural vizinha à localidade. Além do mais, a maioria dos seus membros constituía laços de parentesco, criando uma espécie de casta local denominada no período de “nata”. É interessante destacar que, excetuado desta “nata”, ganhou relevo entre os comerciantes a figura de Manoel José de Souza, apelidado por Nonô.

Nascido em 05 de junho de 1920 numa família que trabalhou como arrendeira na fazenda Sampaio – potentados que possuíam fazendas em Varzedo e região –, Manoel José de Souza exerceu, de início, o ofício de mascate, percorrendo aquele território entre as décadas de 30 e 40 do século passado. Posteriormente, no início de 1952, abriu sua primeira loja chamada Loja Sudoeste, ponto comercial voltado para a venda de tecidos. Dois anos depois, em janeiro de 1954, Manoel José de Souza se casou com Erotildes Silva Souza, filha de rico casal proprietário rural da localidade, Eduardo José da Silva e Odília da Silva. Quatro anos depois, entrava na vida pública.

Nonô disputou cargo público em 1958, quando venceu a sua primeira eleição para vereador, filiado ao *getulista* Partido Social Democrático (PSD)⁴, representando Varzedo, na época distrito pertencente ao município de Santo Antônio de Jesus, na câmara municipal, repetindo a façanha em 1962 (UDN), 1966 (Aliança Renovadora Nacional,

⁴ Sobre o PSD nas décadas de 1930 e na de 1940, *vide* FRANCO, Tasso. **O círculo do poder na Bahia**. Salvador: Editora FPE, s/d, p. 130-133; DANTAS NETO, Paulo Fábio. **Autocracia, carisma e tradição: a política de Antônio Carlos Magalhães na modernização da Bahia (1954-1974)**. Belo Horizonte: Editora UGMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006, 2006, p. 90 ss; MAGALHÃES, Juracy. **Minhas memórias provisórias**. Depoimento prestado ao CPDOC/ Coordenação de Alzira Alves de Abreu *et ali*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1982. P. 81; MAGALHÃES, Juracy M. **Minha vida pública na Bahia**. Prefácio Ruy Santos. 2ª edição. Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. 2008, p. 70.



Revista de História

Universidade Federal da Bahia

ARENA), 1970 (ARENA), 1976 (ARENA), 1982 (Partido Democrático Social, PDS) e 1988 (Partido da Frente Liberal, PFL), o que não provocava má impressão aos seus eleitores, pois eu personalismo ascendia aos câmbios partidários.

A cada eleição Nonô ascendia no número de votos⁵, ficando sempre em primeiro lugar na vila de Varzedo no decorrer daqueles pleitos. Ultrapassava, pois, alguns adversários oriundos de uma das famílias tradicionais do lugar, os Jesus, representada pelos irmãos Manoel Francisco de Jesus e Deraldo Félix de Jesus.

De 1966 a 1976, auge da ditadura militar, Nonô, filiado à ARENA, fortaleceu vínculos com políticos conservadores da Bahia, com destaque a Humberto Guedes de Araújo⁵, que foi deputado estadual pelo Partido Republicano (PR), e ao governo de Antônio Carlos Magalhães, após de este ter sido indicado ao governo da Bahia pelo governo militar em 1970. Essa articulação, teve receptividade positiva por aquelas e outras forças políticas conservadoras santantonienses que viram no *carlismo* o ideal de gestão administrativa “moderno-conservadora” (DANTAS NETO, 2006, p.21), a partir de estratégias criadas para dar esteio à ditadura civil-militar, não obstante as disputas político-partidárias entre grupos locais.

A rede política de Nonô costurava sua atuação local com as suas ligações estaduais. Essa rede de poder foi tecida nessas décadas com seus pragmatismos locais, como exemplo desde solicitações de energia elétrica à então autarquia estadual Coelba, nomeações de indicados seus ao serviço público estadual (magistério, juiz de paz e tabelionato), interferência no policiamento da vila de Varzedo, abaixo-assinado reivindicando escola, até “vales” de populares pagos por ele quando prefeito do município de Varzedo, expressas em cartas, telegramas, ofícios e bilhetes.

Usando com frequência o seu chapéu-de-baeta preto e fumando charutos, o vereador usava seu pragmatismo eleitoral simultâneo aos seus liames com forças políticas de direita. Pode-se dizer que ele próprio era uma força política local e regional.

Esta influência política se ampliou mais quando Nonô resolveu entrar no ramo farmacêutico, mesmo sem formação acadêmica na área, ao abrir a farmácia Sudoeste após

⁵ Deputado estadual pelo Partido Republicano (PR) nas gestões de 1955-1959 e 1963-1967, Humberto Guedes de Araújo se elegeu pela ARENA estadual para o quinquênio 1967-1971, aderindo ao *carlismo* a partir de então.



Revista de História

Universidade Federal da Bahia

a estruturação do hospital-maternidade Luiz Argolo em Santo Antônio de Jesus, onde atuavam médicos ligados aos grupos Jacu e Beija-flor, oligarquias santantonienses rivais representadas no período ditatorial pelas ARENAs I e II⁶ contribuindo para ampliar seu poder pessoal que classificamos de “clientelismo de parede-e-meia”⁷ e conduzi-lo ao legislativo municipal por três decênios, desembocando na década de 80 do século XX durante o processo emancipatório de Varzedo (1985-1989).

Depois de fazer parte do grupo Comissão Pró-Emancipação e ter passado por toda a mobilização, o até então vereador pelo PFL foi eleito primeiro prefeito de Varzedo pelo PMDB no pleito de 15 de novembro de 1989. Durante seu governo (1990-1992), filiou-se de novo ao PFL em 1991 com a eleição de Antônio Carlos Magalhães para governo da Bahia no ano anterior. Ainda em 1991, o vice-prefeito de Varzedo, Luís Carlos Farias Mesquita, entrou com uma ação de improbidade administrativa no Ministério Público Estadual contra o prefeito Manoel José de Souza.

No ano seguinte Nonô foi assassinado, sendo acusado como mandante, segundo registros judiciais, o seu vice-prefeito Luís Carlos Farias Mesquita (PMDB)⁸, após desentendimentos entre ambos. Quando se preparava para ir à sua Farmácia Sudoeste, Nonô abriu os portões da garagem de sua casa quando foi abordado, dentro de seu veículo, pelo deflagrador dos tiros que o mataram na outonal manhã de 17 de maio de 1992.

A partir de então, depois de ser constatado seu falecimento, choros, gritos e desmaios, externados na maioria por pessoas pobres, foram vistos e ouvidos durante aquele dia, simultâneos às especulações de quem teria sido o mandante, às quais, segundo as investigações judiciais⁸, confirmaram ser o então vice-prefeito Luís Carlos Farias Mesquita, que contratou pistoleiros em Santo Antônio de Jesus para cometerem o crime.

⁶ BATISTA, Marcos Souza. **Beija-Flor e Jacu: grupos políticos que dominaram o município de Santo Antônio de Jesus-Bahia, entre 1962-1988**. Trabalho de conclusão de curso de licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Santo Antônio de Jesus-Ba. 2016. Ver também **A política renatista: “neocoronelismo” e “neopopulismo” em Santo Antônio de Jesus, Bahia (1985-1996)**. Monografia de licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia (UNEB). 1998. 108 p.

⁷ Taxionomia caracterizada pela capilaridade da sua política pragmática correspondente à sustentação de dependentes pela ligação pessoal através da presença frequente nas casas daqueles, e vice-versa, ao seu mandonismo e à sua permissividade. Sobre clientelismo, além de discussões da literatura específica sobre o tema, sua consonância ao revisionismo sobre o “clientelismo nonoísta” será realizado.

⁸ Processos Nº 017/92 e 026/92, feitos por Comissão Especial na câmara municipal de Varzedo entre junho e julho. Fonte: arquivo pessoal Antônio Santos de Amorim.



Revista de História

Universidade Federal da Bahia

Em vida, Nonô atuou mesclando um caráter autoritário com beneplácito; morto, serviu como fonte de manutenção do poder dos seus herdeiros por meio de propagandas, músicas, poemas, versos, ocorrendo até a aprovação do dia 17 de maio como feriado municipal, através do Projeto de Lei nº 002/92, de 08 de junho de 1992⁹, data de sua morte, fazendo com que o imaginário varzedense fosse polarizado à sua memória, concomitante a uma rede sutil e forte de laços incessantes entre os vivos e o morto.

Partindo disto, o amadurecimento em querer sobrepujar aquele dilema foi caminhando *pari passu* com o intuito de pretender ir além, melhor, voltar no tempo para compreender ele, Nonô, isto é, o indivíduo político e sua atuação no local e no regional, sem nenhuma proposta panegírica, em determinada época. Em geral, seu berço na política. Compreender como que Manoel José de Souza, nome oficial de Nonô, originário de berço familiar desprovido de quinhões e poder político, consolidou seus influxos políticos no decorrer de trinta e quatro anos (1958-1992) em Varzedo será uma prolífica tentativa de analisar os estratagemas manejados por ele para fossilizá-los.

Mais. Avaliar como ele, oriundo em um âmbito onde o preconceito étnico social era presente, conseguiu ascender política e economicamente trará elucidções, pois além de nascer num seio familiar humilde Nonô era negro. Estas duas condições o conduziriam, sem dúvida, à margem social, cujo rechaço seria reforçado pelo racismo estrutural (ALMEIDA, 2020) - que ele enviesou.

O interesse em estudar a trajetória política de Nonô em Varzedo e Santo Antônio de Jesus entre 1958 e 1992, investigando sua adequação à “modernização conservadora”, durante a ditadura militar no Brasil até a redemocratização a partir dos anos 1980, vem povoando nossas análises acadêmicas desde a conclusão dos estudos do mestrado, realizada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Portugal), cuja temática foi a mobilização emancipatória – pró e contra – para criação do município de Varzedo¹⁰.

Da vivência e convivência ocorridas em Varzedo quando era vila pertencente a Santo Antônio de Jesus, e ao se tornar município emancipado desse e do de Castro Alves, suscitaram duas indagações referentes a Nonô, para efeito, tais como: a) na vila de Varzedo da década de 50 do século XX havia, segundo depoimentos e trabalhos locais,

⁹ Arquivo Antônio Santos de Amorim.

¹⁰ <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/474>).



Revista de História

Universidade Federal da Bahia

as polarizações política e econômica por grupos e famílias, de que forma Nonô conseguiu ascender econômica e politicamente? b) O que ele fez para enraizar seu poder político e com quem se aliou para se manter a frente dos seus adversários durante mais de três décadas, chegando a ser eleito primeiro prefeito de Varzedo em 1989?

O aporte científico será importante por demonstrar as ações do político como uma “modalidade da prática social” (RÉMOND, 2003) em que, no caso de Nonô, há exigência revisional no tocante às suas ações dominantes locais e regionais como formas de poder harmônicas à sua personalidade mandonista/populista, idiossincrática diante de outros modelos regionais próximos¹¹.

Estudá-lo será, contudo, uma maneira de subtrair sua “mitificação” substituindo-a por sua humanização, adicionando a importância dos argumentos supracitados à história política, realçando o mérito que ela possui, desbravando-a por meio de análises socioeconômicas e históricas, bem como culturais, ramificando-se pela religiosidade, tradições e costumes locais, conectando-os aos âmbitos estadual e federal. Pretende-se, pois, investigar, dentre outras coisas, o indivíduo e suas veredas na política, ligado ao local, sem nenhuma proposta panegírica ou exemplaridade hagiográfica.

O ineditismo em investigar a trajetória política de Nonô em Varzedo (1958-1992) é compreendê-la pelos vínculos sociais, matrimonial e comercial obtidos através de registros (orais, memoriais, escritos e imagéticos), informando os pragmatismos sociopolíticos que capilarizaram seu poder político com lideranças estaduais e sobre a população local.

As discussões científico-acadêmicas sobre biografia e trajetória voltaram a ter relevo na historiografia dos anos 1970 e 1980 para cá o realce nas temáticas sobre indivíduos, suas ações incluídas no cotidiano e nas subjetividades outras (LORIGA, 1998, p.225), passando por desafios desde correr o risco de retornar a uma linearidade histórica (LORIGA, 1998, p.226) até a busca desmitificadora do ser, requerendo do historiador

¹¹ Políticos: Ademário Vilas Boas (1923-2020), prefeito de São Miguel das Matas por seis gestões (1951-1955/ 1959-1962/ 1967-1971/ 1973-1977/ 1983-1989/ 1993-1996), e Renato Machado (1935-1997), prefeito de Santo Antônio de Jesus por duas gestões (1983-1988 e 1993-1996) e deputado estadual (1990-1992). Ademário foi enfermeiro militar e Renato Machado era médico – em comum estava a “política assistencialista da saúde” como uma das bases dos seus mandonismos. Sobre este último, *vide A política renatista: “neocoronelismo” e “neopopulismo” em Santo Antônio de Jesus, Bahia (1985-1996)*. Monografia de licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia (UNEB). 1998. 108 p.



Revista de História

Universidade Federal da Bahia

cautela ao caminhar pela linha tênue entre exaltação e julgamento crítico (LEVILLAIN, 2003, p.142), empecilhos que fatalmente podem conduzir um biografado à relativização maniqueísta.

A valorização biográfica resultou em especificidades narrativas que descrevem os caminhos de indivíduos interagindo vida e tempo, propondo conduzir do panteão ao rés-do-chão, sem que isto signifique decrepitude total. A função nossa aqui é humanizar aos antes heroificados ou canonizados pela pena de escritores, memorialistas e historiadores.

A trajetória de Nonô - ou a de uma parte demarcada dela - de uma pessoa faz voltar à superfície pontos enterrados, jogados ao rechaço, tidos como insignificantes por suas aparências. Se para muitos, por exemplo, as práticas políticas trazem o tom do trivial, por isso o olhar minucioso do historiador caberá ressignificar a trivialidade política do ser estudado no período delimitado e no contexto geográfico.

O inerente esquema “trajetória de vida-tempo-lugar” comunga tanto alguns referenciais aqui citados como o proposto neste projeto, antessala da tese de doutorado. Ora, a definição do arco temporal que marcou a singularidade política de Nonô (1958-1992) está distante de ser uma economia ou escape de documentos, mas sim o destaque de escritos que se vinculam às memórias e verbalizações que versam e reversam acerca dele.

Aqueles e esses obedecem ao arco temporal, e isto quer dizer que ele dite as rotas temporais que devem ser seguidas? Pode ocorrer de o indivíduo ser desviado/ deslocado para outras rotas temporais além das determinadas? Dependerá da necessidade de fazer um *link* com o passado “fora do arco temporal”, caso precise, para compreendê-lo (SCHMIDT, 2012, p.195). O importante é evitar quaisquer lacunas na edificação de uma trajetória, ainda mais quando esta contém narrativas recheadas de veracidade e ficção.

Esta leitura necessita estar alerta sobre alguém que é agigantado pela tonificação das histórias que versam traços corajosamente hercúleos, beirando a heroificação, a resiliência ímpar, possuidor de defeitos humanos que são acobertados pelas qualidades que a maioria supostamente não tem.

Ao se ter um caso em que envolve a questão étnico-econômica, ainda mais no Brasil estruturalmente racista (ALMEIDA, 2020), o que salta do rés-do-chão para o teto angaria exaltações, preconceitos, admirações e dissimulações acobertados pelo racismo



brasileiro, que está longe de ser considerado um fenômeno patológico que caracterize anormalidade (ALMEIDA, 2020, pp.20-21).

Esquivando ou condescendendo com lhanza imponente é o afrodescendente que ascende a *status* de destaque nas suas sociedades racistas ao ocuparem cargos públicos, serem empresários, presidirem entidades/ instituições, como o de Thales de Azevedo (AZEVEDO, 1996), componente de um estrato privilegiado, as “elites de cor”, na cidade de Salvador. Mas, ao inexistir a “elite de cor” numa localidade, a exemplo da de Varzedo, investigar e analisar a trajetória sócio-política de Nonô, afrodescendente e filho de pais afrodescendentes pobres, exige o ofício.

Para trabalhar com isonomia sobre nossa temática, à qual até agora não foi estudada, caminhar sobre a fina lâmina que separa demonização e santificação solicita cuidado (LEVILLAIN, 2003, p.142), algo imprescindível quando entre bibliografias e documentos está um ser humano benéfico, populista e mandonista, ligado aos líderes políticos estaduais e nacionais do momento e à sua vida privada, vitorioso em várias eleições e participe da vida alheia em díspares situações cotidianas.

É verdade que traçar uma vivência individual pode mostrar sua imutabilidade e/ou sua camaleonização política, ou seja, a manutenção e/ou adequação de ações, independente da passagem do tempo, o que se infere definir o “e/ou” como forma de sobrevivência do que foi singularizando o indivíduo nos contextos local e regional. Narrativas, portanto, são criadas, mantidas e retroalimentadas por versões que emergem da memória.

Disco rígido (*hard disk*) humano que armazena momentos estigmatizados pelo cérebro, a memória reúne uma miríade de informações mnemônicas que podem ser debatidas com documentos escritos e pictóricos, podendo produzir questões (AMADO, 2006, p. xvi) que não aparecem naqueles. A memória guarda situações que vêm à tona quando são provocadas por estímulos que convergem uma gama de temas cruciais (PORTELLI, 2017, p.29), mesmo que a velocidade cotidiana aja como contraponto.

Estudada por historiadores de várias partes do mundo que a utilizam para revolver momentos que são mantidos soterrados temporariamente pelo esquecimento, a memória é a tradução que reinterpreta figuras e acontecimentos políticos (CARDOSO; CARDOSO, 2017) e locais (MEDINA, 2004), tendo natureza individualizante que



Revista de História

Universidade Federal da Bahia

desmerece ser pensada, pejorativamente, como ahistórica. Como destacam Cardoso e Cardoso (2017), a memória serve de ponte para “adentrarmos o campo das emoções”, o que é “não dito”, experiências humanas deixadas ao léu tempos atrás.

No Brasil investigações de memórias sobre períodos, como o regime militar, seus agentes civis e militares e sua atuação em pequenos, médios e grandes locais, e trajetórias individuais ligadas àquele regime podem buscar suprir espaços que permanecem abertos. A excelência maior do seu uso, porém, é a cautela que se deve ter como a uma taça de cristal, pois a imaginável fragilidade da memória mostra sua força quando é tida como absoluta fincada no imaginário coletivo, chegando ao ponto de determinados temas e figuras políticos ficarem no panteão do indiscutível.

Num contexto marcado pela mesmice cotidiana, o inesperado assassinato de Nonô solapou, à maioria, as negatividades atribuídas a ele, como suas ações mandonistas, gerando a comoção não somente sentimental, mas também memorial da sua popularidade. Todos os locais onde ele estava sempre presente no dia a dia se tornaram locais de rememoração dele, algo determinante para a “formação do universo imaginário” (MEDINA, 2004, p.35), acerca da figura dele: exatamente nesta sequência: casa, garagem onde foi morto, farmácia, casa dos outros, caminhando nas ruas.

A onipresença pela memória do seu poder local e no local. Isto foi provocado a partir de uma engrenagem coletiva que se autointitulou “órfão de pai” e de uma engrenagem política que se utilizou dessa orfandade para nutrir a parcialidade da memória (LORIGA, 2009, p.23) e conservar o poder como sua continuidade.

A riqueza da memória é multiplicada quando adicionada do testemunho oral, escrito e imagético, conduzidos todos ao debate sobre eventos e trajetórias individuais. Assim, ouviu-se nas primeiras horas da manhã de 17 de maio de 1992, após notícias do crime se espalhar, muitas pessoas correndo em direção à casa de Nonô gritando “mataram nosso pai”, aglomerando defronte a ela e ao redor da pequena e grossa poça de sangue caída do seu corpo no local onde ele foi transportado. Por alguns dias, aquele sangue permaneceu ali.

O testemunho oral traz a subjetividade de quem empresta sua versão para alargar o arco de conclusões que o historiador pretende atribuir a um tema, o que significa a contribuição de falas de pessoas de diferentes matizes socioeconômicos. Introduzida no



Revista de História

Universidade Federal da Bahia

Brasil desde os anos 1970 e tendo maior aceitação substancial dos anos 1990 em diante (AMADO, 2006, p.ix), a história oral é a documentação humana obtida da memória registrada em tempo real a partir da entrevista feita com a pessoa que dispôs seu tempo ao anseio do pesquisador.

Na historiografia contemporânea, tratando-se de trajetórias políticas, por exemplo, registros orais de pessoas que viveram na mesma época trazem visões e conceitos de vida que afastam qualquer inclinação mítica, desde que favoráveis e desfavoráveis, seguidoras e adversárias. Essa situação fica evidente nas gestões dos herdeiros políticos de Nonô, que administraram o município entre 1993 e 2000, utilizaram como *slogan* “A continuação do trabalho de Nonô”.

O pesquisador que em algum momento se debruçou a trabalhar parcialmente com a oralidade, com o tempo terá o *insight* de se dedicar a depoimentos polifônicos. Sobre Nonô, a estes últimos foram dedicados.

Cada indagação obtém um rosário de informações que destaca o cotidiano sociopolítico de um lugar, com o fim de ser um contributo por ilustrar uma “realidade que com raridade aparece em registros escritos” (JOUTARD, 2000, p33-34), devido os detalhes que a memória consegue proteger. Detalhes: palavra mágica carregada de sentimentos dos mais díspares por quem os emite ao se deparar com suas lembranças acerca de tais fatos ou tal pessoa marcante, carecendo sempre da argúcia científico-sensibilizante do pesquisador.

O início apreensivo, os olhos voltados para o chão, o alto ou à diagonal, a pausa para rememorar e não se perder, risos, seriedade ou prantos, a tergiversação para evitar falar o impronunciável, o aconchego de onde se sente à vontade para confabular caracterizam os comportamentos do emissor. Este conjunto de caracteres que expressam as reações físicas da oralidade é a porta de entrada que “revela o ‘indescritível’” (JOUTARD, 2000), aquilo que não consegue ser dito nas palavras escritas (JOUTARD, 2000), mas que adiciona esta última como uma das verdades documentais.

Guardadora do que Portelli denominou de “discurso multivocal” (PORTELLI, 2017, p.27-28), a história oral é a representação da “experiência pessoal de indivíduos específicos” (PORTELLI, 2017, p.186), objetivando ainda cruzar estes e a narrativa oral com outros documentos, a exemplo dos documentos iconográficos.



Como será o passo a passo metodológico exequível dos documentos já recolhidos?

Uma das formas de respondermos isto é através de registros escritos e depoimentos orais, respectivamente. Sobre aqueles primeiros, citemos um opúsculo intitulado **Tempestade em copo d'água** e a certidão do casamento de Manoel José de Souza (Nonô) com Erotildes Maria Silva (Tide)¹² trazem nomes de lideranças políticas tradicionais do lugar que fizeram parte dos liames sociais do casal.

Para realizar um paralelo complementar, os resultados das eleições municipais de Santo Antônio de Jesus (BA) de 1947 a 1962, época das acentuadas rivalidades políticas entre a União Democrática Nacional (UDN) e o Partido Social Democrático (PSD) em Vargem Grande/Varzedo, mostrarão os votos dos antecessores e a ascensão quantitativa eleitoral de Nonô entre 1958, ano em que ele se candidatou e ganhou pela primeira vez, e 1962¹³, atentando-se ao auge contextual, tanto estadual quanto nacional, do *pessedismo* (DANTAS NETO, 2006).

O “auge do poder” de Nonô, da vereança até o executivo varzedense, se deu de 1963 até 1992, período pré-ditadura militar, durante o governo ditatorial, até a pós-redemocratização. Este “marco” da sua projeção político-pragmática será analisado por 07 fotografias¹⁴ registrando visitas de governadores, prefeitos, deputados estaduais, autoridades militares e pessoas comuns à sua residência em situações diversas, desde recepções até festas de aniversário.

Utilizando fotografias vistas simultaneamente aos depoimentos, alguns entrevistados falaram das suas presenças nelas com Nonô e o que cada momento flagrado demonstrou para cada um deles. Os testemunhos daqueles contemporâneos serão imprescindíveis para observarmos as visões antagônicas sobre Nonô, correspondendo ao que Jorge Eduardo Lozano (2006) denominou de “um relato ordenado da experiência dos ‘outros’” (LOZANO, 2006, p.17).

Fontes profundas que levam à reflexão, as imagens serão simultâneos alicerces dos registros orais e escritos sobre nosso indivíduo biografado por razão de ele ter feito uso

¹² A brochura, dada a Deraldo Demósthene da Silva, é datada de 1946. Já a certidão de casamento foi lavrada em 24 de janeiro de 1954. Fontes: Deraldo da Silva Almeida e Valter Bonfim Lago, ordenadamente.

¹³ www.tre-ba.jus.br.

¹⁴ As 07 fotografias foram encontradas nos arquivos familiares de Valter Bonfim Lago e Maria Helenita Sampaio Bitencourt.



Revista de História

Universidade Federal da Bahia

daquelas em díspares ocasiões da sua vida, destacando as fotografias, definidas por Pierre Sorlin como “fonte própria da história” (SORLIN, 1994, p.95). Sob a perspectiva iconográfica, é oportuno analisar “o mundo pretérito em imagens” (ROSENSTONE, 1998, p.115) por serem destacáveis reminiscências do passado (CARDOSO, 1997, p. 402).

Entrevistas concedidas por dois políticos contemporâneos de Nonô caminharão juntas para que se elabore um debate entre os materiais recolhidos de pessoas da localidade, sabendo-se que as entrevistas foram semiestruturadas, elaboradas por perguntas prévias e objetivas para a obtenção de respostas modeladas pelas percepções do narrador (PORTELLI, 2017, p.20).

Simultâneos aos documentos imagéticos e testemunhais, as atas legislativas da câmara municipal de Santo Antônio de Jesus, referentes ao período de 1958 a 1988, serão pesquisadas para comprovarmos se houve ou não a atuação do Nonô vereador na elaboração de projetos de lei, indicações, moções, discursos nos “grandes expedientes”, votações de projetos do executivo e participações em comissões.

Quanto aos laços forjados por ele com boa parte da população de Varzedo, isto é, seus eleitores, os mesmos serão investigados a partir das entrevistas orais citadas acima, do quantitativo dos resultados eleitorais municipais entre 1958 e 1989¹⁵, livros e trabalhos acadêmicos que têm Varzedo como temática e os “cadernos de anotações” escritos a punho por Tide entre as décadas de 1980 e 1990.

Filiado a agremiações políticas detentoras do poder local, estadual e federal em suas épocas, como PSD (1958), UDN (1962), ARENA (1966, 1970, 1976), PDS (1982), PMDB (1989, 1990) e PFL (1988, 1991, 1992), Nonô criou enlaces políticos com lideranças estaduais, com mais longevidade ao *carlismo*, os quais estarão sendo analisados, especificamente, de correspondências trocadas com deputados estaduais, três “cadernos de anotações” e um “caderno de anotação” (espécies de ‘diários’) cotidianos manuscritos, respectivamente, por sua esposa Erotildes Silva Souza (Tide) e Pedro de Souza Bitencourt¹⁶.

¹⁵ www.tre-ba.jus.br.

¹⁶ Material recolhido dos arquivos pessoais de Valter Bonfim Lago, entre 2016 e 2017, e de Rita Maria Bitencourt de Jesus, em maio de 2019.



Revista de História

Universidade Federal da Bahia

Acerca da eleição de 1989 para prefeito, buscaremos complementar com documentos de atas de filiação ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), agremiação a qual Nonô estava filiado àquela altura, com o fim de termos o cenário dicotômico da política local e o “por que” da guinada dada por ele do *carlismo* ao PMDB do então governador Nilo Coelho. Entrevistas de contemporâneos sobre estes pontos estarão sendo realizadas.

Em outro lugar, analisando seus três anos como gestor municipal de Varzedo (1º de janeiro de 1990 a 17 de maio de 1992), jornais regionais (A TARDE, CORREIO DA BAHIA, RECONVALE) que noticiaram propagandas do seu governo, bem como revistas (A BAHIA DE HOJE – 3ª edição – e a FOLHA DOS MUNICÍPIOS) serão outros documentos para verificação do uso da propaganda midiática por parte do prefeito Nonô¹⁷.

Complementarão estas fontes atas legislativas da câmara municipal de Varzedo no período de 1990 a 1992, a fim de constarmos os teores dos projetos do executivo e a receptividade deles pelos vereadores, tanto quando a câmara foi presidida pelos situacionistas (1990-1991) como quando pelos opositores (1991-1992) ao prefeito, o qual teve denúncias de irregularidades administrativas feitas pelo seu vice-prefeito e enviadas em 1991, através de uma Representação, ao ministério público estadual¹⁸.

As delações por improbidade administrativa tiveram, todavia, reviravoltas a partir do assassinato de Nonô ocorrido em 17 de maio de 1992, deixando vários registros escritos e imagéticos que a nossa investigação irá tratar, a exemplo das atas legislativas municipais pós-17 de maio, letras de músicas de campanhas eleitorais (1989, 1992 e 1996), juntamente com versos e textos que passaram a exaltar Nonô¹⁹, contando ainda com uma enquete realizada via aplicativo *WhatsApp*. Interpretá-los propiciará o entendimento do quanto sua “mitificação” ocorreu *post-mortem*.

¹⁷ Obtidos dos arquivos pessoais de Antônio Santos de Amorim, Valter Bonfim Lago e da prefeitura municipal de Varzedo entre 2001 e 2009.

¹⁸ Cópias das atas e da Representação foram auferidas, respectivamente, da Câmara Municipal de Varzedo e do arquivo particular de Antônio Santos de Amorim.

¹⁹ Material obtido da Câmara Municipal de Varzedo e de arquivos pessoais de Iraildes Silva, mosenhor Gilberto Vaz Sampaio, Ângelo Galdino Nicácio, Lucinéa Correa, Marinez Santos e João Nilton de Jesus.



Fontes Documentais:

- FONTES ORAIS: Iraildes Santos Silva, Edison Manuel de Jesus, Francisco Barbosa de Oliveira, Joana Teixeira Santos, Joanice Lima Santana, Valter Bonfim Lago, Dermeval Félix de Jesus;

- FONTES PERIODISTAS: A BAHIA DE HOJE, Volume 1, 3ª edição, 1991; A FOLHA DOS MUNICÍPIOS, edição número 23, 1992; A TARDE, de 22/03/1990, 18/06/1991, 27/03/1992, 18/05/1992, 03/11/1992; OPINIÃO, de 07 a 14/02/1992;

- ARQUIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANTÔNIO DE JESUS: Câmara Municipal de Santo Antônio de Jesus entre as décadas de 1950 e 1980;

- ARQUIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VARZEDO: Câmara Municipal de Varzedo, do período entre 1990 e 1992;

- OUTRAS FONTES: Pleitos municipais: resultados das eleições municipais de Santo Antônio de Jesus (BA), referentes a prefeitos, vereadores e coligações, entre 1947 e 1989.

Webgrafia: www.tre-ba.jus.br. Fotografias: recolhidas do arquivo particular de Valter Bonfim Lago e Maria Helenita Sampaio Bitencourt. Letras de músicas: 1989 - Nonô e Mesquita e Flomário e Chico; 1992 - Saudade de Nonô; 1996 - Tide e Dr. Ismar. Poemas: Homenagem à Nonô, de Iraildes Santos Silva, de 15/07/1990; *O crime que fez Varzedo parar*, de João Nilton de Jesus, de setembro de 1992; *Poema de minha vida*, de Lucinéa Correa, de 05/02/1993; *Homenagem ao inesquecível Nonô*, de Ângelo Galdino Nicácio, de 17/05/1999; *Sangue inocente*, de Marinez de Jesus Santos, de 13/06/1999. Textos: “Proposta de trabalho aos futuros administradores da Cidade de Varzedo”, de Joanice Lima Santana, de 15/09/1992; processos de cassação de vice-prefeito e vereador da câmara de vereadores de Varzedo em 1992; correspondência de correligionários à Erotildes Silva Souza, de 18/06/1992; correspondência de Manuel Bispo dos Santos ao subdelegado Vivaldo Bitencourt, de 24/01/1988; anotações de Vivaldo Bitencourt, novembro de 1975; correspondências entre Nonô e o deputado estadual Humberto Guedes. Enquete feita por aplicativo *WhatsApp* com 12 pessoas sobre Nonô. Diários: “Cadernos de anotações” escritos por Erotildes Silva Souza (décadas de 1980 e 1990) e “caderno de anotação” escrito por Pedro de Souza Bitencourt (décadas de 1950 e 1960).



Referências bibliográficas:

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. Editora Jandaíra. São Paulo. (Sueli Carneiro). Feminismos plurais. (Coordenação Djamila Ribeiro). 2020.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. “Apresentação”. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. pp. vii-xxv.

AMORIM, Jorge. **“Imaginação que deu certo”**: processo de emancipação de **Varzedo: local, região, política e criação de um município na Bahia, Brasil (1985-1989)**. Dissertação de mestrado em História Contemporânea. Universidade de Lisboa, Portugal, 2009. 233 p.

_____. **A política renatista: “neocoronelismo” e “neopopulismo” em Santo Antônio de Jesus, Bahia (1985-1996)**. Monografia de licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia (UNEB). 1998. 108 p

_____. **Entre a Serra e a Vargem: estudo da história e das culturas de Varzedo nos séculos XIX e XX**. Exemplar gráfica e editora. Santo Antônio de Jesus-Ba. 2007.

AZEVEDO, Thales de. **As elites de cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social & Classes sociais e grupos de prestígio**. Salvador: EDUFBA/EGBA, 1996.

BARICKMAN, B. J. **Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BATISTA, Marcos Souza. **Beija-Flor e Jacu: grupos políticos que dominaram o município de Santo Antônio de Jesus-Bahia, entre 1962-1988**. Trabalho de conclusão de curso de licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Santo Antônio de Jesus-Ba. 2016.

CARDOSO, Célia Costa e CARDOSO, Lucileide Costa (orgs.). **Ditaduras: memória, violência e silenciamento**. Edufba, Salvador. 2017.



Revista de História

Universidade Federal da Bahia

CARDOSO, Ciro Flamarion e MAUAD, Ana Maria. “História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. P. 401-417.

DANTAS NETO, Paulo Fábio. **Autocracia, carisma e tradição: a política de Antônio Carlos Magalhães na modernização da Bahia (1954-1974)**. Belo Horizonte: Editora UGMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

FERREIRA, Denise Paiva. **PFL x PMDB: marchas e contramarchas (1982-2000)**. Editora Alternativa. Goiânia. 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História oral: desafios para o século XXI**. Editora Fiocruz/ Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC-Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. 2000.

FRANCO, Tasso. **O círculo do poder na Bahia**. Salvador: Editora FPE, s/d.

JESUS, Elmo Manuel de. **Emancipação municipal: uma estratégia para o desenvolvimento local? O caso de Varzedo**. Dissertação de mestrado em cultura, memória e desenvolvimento regional. Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Santo Antônio de Jesus-Ba. 2008.

JOSÉ, Emiliano. **Waldir Pires, biografia** (Vol. 1). 1ª ed. Versal Editores. Rio de Janeiro. 2018.

_____. **Waldir Pires, biografia** (Vol. 2). 1ª ed. Versal Editores. Rio de Janeiro. 2019.

JOUTARD, Philippe. “Desafios à história oral do século XXI”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História oral: desafios para o século XXI**. Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC-Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. 2000. pp. 31-45.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. “Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea”. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 15-25.



Revista de História

Universidade Federal da Bahia

LEVILLAIN, Philippe. “Os protagonistas: da biografia”. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003. p. 231-269.

LOBO, Viriato da Silva. **Geographia do Município de Santo Antonio de Jesus**. I Edição. Typographia d’ “O Commercio”. Santo Antonio de Jesus-BA. 1898.

LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 225-249.

MAGALHÃES, Juracy. **Minhas memórias provisórias**. Depoimento prestado ao CPDOC/ Coordenação de Alzira Alves de Abreu *et ali*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1982.

MAGALHÃES, Juracy M. **Minha vida pública na Bahia**. Prefácio Ruy Santos. 2ª edição. Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. 2008.

MEDINA, João. “A toponímia-local de memória”. In: MATOS, Álvaro e RASGA, Raul (coord.). **Primeiras Jornadas de História Local e Regional**. Edições Colibri. Lisboa. 2004. Pp. 35-44.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Recôncavo sul: terras, homens, poder e economia no século XIX**. Salvador: EDUNEB, 2002.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2017.

QUEIROZ, Fernando Pinto de. **A Capela do Padre Matheus**. Feira de Santana: Sagra, 1995.

RÉMOND, René (org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003.

ROSENSTONE, Robert. “História em imagens, história em palavras: reflexões sobre as possibilidades de plasmar a história em imagens”. (Tradução do espanhol por Cristiane Nova e Jorge Nóvoa). In: **O OLHO DA HISTÓRIA-Revista de História Contemporânea**. Vol. 1, nº 5. Salvador-Ba. Setembro de 1998. Pp. 105-116.

SANTOS, Roberto. **Na Bahia das últimas décadas do século XX: um depoimento crítico**. Edufba. Salvador. 2008.



Revista de História

Universidade Federal da Bahia

SCHMIDT, Benito Bisso. “‘Grades invisíveis para rebentar’: memórias de um militante de esquerda brasileiro sobre as prisões políticas argentinas (1975-1979)”. **Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012 e. Pp. 227-239.